

## Consultoria: uma forma de ação preventiva na escola

Ana da Costa Polonia

Fundação Educacional do Distrito Federal

Solange M. Wechsler<sup>1</sup>

Departamento de Pós-Graduação em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Esta pesquisa tem como objetivo verificar os efeitos da consultoria direta ao aluno e a indireta através de seus professores sobre o rendimento acadêmico dos alunos bi-repetentes da 5ª série do 1º grau. A amostra constitui-se de seis professores (três na área de matemática e três na área de português) e 110 alunos distribuídos do seguinte modo: *grupo I* (consultoria indireta ao aluno), junto aos professores através do apoio realizado ao planejamento e desenvolvimento curricular (12 sessões); *grupo II* (consultoria direta aos alunos) através de dinâmica de grupo (21 sessões) e *grupo III* (controle). A coleta de dados foi realizada através dos seguintes instrumentos: Escala de Comportamento na Escola (respondida pelos alunos), observação em sala e entrevista com os professores, dentro de um delineamento experimental de pré e pós-teste. Os resultados apontaram os benefícios do programa de consultoria na escola destacando-se no *grupo I* (consultoria indireta) o crescimento significativo do rendimento acadêmico e no *grupo II* (consultoria direta) nos aspectos emocional e de auto-confiança, que também se refletiram no rendimento acadêmico.

**Palavras-chave:** Consultoria Escolar, Prevenção, Psicologia Escolar, Treinamento de Professores

### Abstract

#### Consultation: a way of preventive action in the school

This study was aimed to verify the effects of direct and indirect consultation (through their teachers) upon students academic performance. The fifth grade year was selected due to the difficulties usually associated with it. i.e., repetition and behavior problems. The sample was composed by 110 fifth grade students and their Mathematic and Portuguese teachers. The research design was a following *group I* (indirect consultation with students) developed with teachers thru planne and curriculum suport (12 sections); *group II* (direct consultation with students) developed thru group dinamic (21 sections) and *group III* (cntrol). The instruments used were: Mental health scale (validate for the study), classroom's observation, interview with teachers. The results of this study ponted out that consultation can improve students performance and spred it's effects upon psychological ajustament in the classroom.

**Key words:** School Consultation, Prevention, School Psychology, Teacher's Training

Um dos problemas mais discutidos e trabalhados dentro do sistema escolar é o da repetência e da evasão. Vários estudos têm se dedicado em levantar as variáveis que contribuem para compor este quadro que cada vez mais se expande na escola brasileira (Nidelcof, 1989; Nicolaci-da-Costa, 1987; Brandão, Baeta e Rocha, 1983; Carvalho, 1984; Carraher, Car-

raher e Schielmann, 1986, 1988). Infelizmente muitos profissionais da área educacional ainda mantêm a visão atomista de que o aluno ou/e sua família são elementos que contribuem para o fracasso escolar.

Os esforços têm se voltado para uma estratégia que possa reverter o quadro negativo que hoje permeia a educação brasileira, embora muito pouco se tenha evoluído na solução dos problemas. Os programas realizados pouco se tem focado em intervenções preventivas, sendo mais de caráter individual, retirando o aluno de

1. Endereço para correspondência: PUCCAMP, Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Rua Waldemar César da Silveira, 105, CEP: 13045-270, Campinas, SP.

sua sala de aula, dispendendo esforços enormes e gastos quase ineficazes para o atendimento da grande população, especialmente se considerarmos as escolas públicas, com os poucos recursos que lhes são direcionados.

A literatura internacional nos últimos trinta anos, nos países mais desenvolvidos com recursos direcionados à educação, vem demonstrando a necessidade de programas preventivos e sua efetividade na escola, como forma de evitar problemas de aprendizagem como a repetência e a evasão.

O modelo de consultoria tem sido empregado por psicólogos que atuam no sistema escolar; os recursos da consultoria expandem-se ao aluno, professor e instituição. Modelos de consultoria têm se beneficiado de diversas teorias psicológicas: behaviorismo, aprendizagem social, psicodinâmica, sistêmica, teoria do campo, além dos conhecimentos oriundos da psicologia infantil e do desenvolvimento.

A consultoria pode ser entendida como um processo colaborativo de comunicação aberta de relacionamento entre profissionais professores ou diretores e alunos, reunindo métodos para identificar um dilema, reunião de recursos pessoais para identificar e selecionar estratégias que possam auxiliar e resolver esses problemas e dividir as responsabilidades quanto à implementação e avaliação do programa.

Espera-se também que o consultante adquira repertório de conhecimentos e habilidades e que os componentes da diáde transfiram a sua efetividade para eventos futuros.

Cowen (1984) ressalta que o essencial, em programas e prevenção na escola, seja ele primário, secundário ou terciário, é a sua flexibilidade na aplicação dos diferentes tipos de metodologia, a grupos distintos, considerando-se até os outros padrões idiossincráticos da população. A consultoria é, portanto, uma contra-proposta, com caráter preventivo, ampliando seu foco para atingir os diferentes níveis da população e as necessidades da escola.

## Objetivos da consultoria na escola

As bases do processo consultivo englobam certas atividades mapeadas para o desenvolvimento pessoal e de aprendizagem dos alunos. Tanto pode se referir a uma questão direcionada ao processo ensino aprendizagem "per se" e/ou habilidades imprescindíveis ao seu processo de interação e estratégias de enfrentamento que, de modo acentuado ou não, interferem no processo de apreensão, compreensão e transferência da aprendizagem.

O raio de atuação do profissional de psicologia na instituição deve sobrepujar sua condição anterior criticada como sendo a de um clínico educacional, e então somar-se como um elo numa corrente, ser um elemento da instituição escolar. O trabalho pode estender-se aos coordenadores de área, associar-se ao orientador, ao diretor e ao apoio e atingir o grande grupo de professores.

O psicólogo escolar deve estar ciente de que não se pode fazer mudanças estruturais no aluno ou no professor, mas sim em seu ambiente para que este estimule certas características e faça emergir outras que potencialmente encontram-se em estado latente. Essa perspectiva mais abrangente e contextualizada será uma diretriz na qual o psicólogo alicerçará seu programa, mais próximo da realidade de quem deseja seus préstimos. Tecendo comentários sobre esse assunto, Eizirik (1988) sublinha o aspecto fundamental do psicólogo dominar recursos metodológicos que possibilitem conhecer a realidade em que atua, abordando as diversas dimensões do social, dentro de uma perspectiva sistêmica.

Rosenfield (1987) alude à necessidade do consultor conhecer a cultura da escola, os valores e percepções do professor sobre sua classe. O primeiro passo é o relacionamento pessoal, conhecer as preferências, valores e as motivações dos alunos para relacioná-los ao conteúdo e planejamento das aulas. O conhecimento do potencial criativo associado às técnicas de aprendizagem e ao conhecimento da

psicologia do desenvolvimento serão armas eficazes para o combate da repetência crescente nas escolas de 1º grau. Sobre o papel do psicólogo na função de consultor, Eizirik (1986) define como principais o levantamento das situações conflitantes e as alternativas condizentes com a realidade da organização, e solução direta no aqui-e-agora. A lista de problemas emergentes dos professores coincide com o já apregoado por pesquisas anteriores: currículo, avaliação, relacionamento interpessoal professor-aluno-direção-pais, filosofia da escola, disciplina, desempenho profissional.

O consultor, mediante o levantamento prévio das condições da escola e da sala de aula, pode delimitar o seu raio de ação - o que acontece em sala que influi no comportamento do aluno e do professor, como se dão as interações e as conseqüências para o desempenho acadêmico e social dos alunos. O resultado desse levantamento preliminar deve ser apresentado ao professor, levando-o a discutir e perceber nos dados soluções para alterar os mecanismos de seu comportamento quanto dos alunos.

A plausibilidade da aplicação da consultoria na escola deve-se à sua extensão a grupos não só de alunos, mas professores, administradores e pais. A economia derivada desse serviço é multiplicativa ou somativa, considerando que os professores que recebem o apoio profissional o repassam a um número relativamente grande de alunos que, em média, no Brasil é de 35 alunos por turma.

Existem diversos tipos de consultoria na escola, como os descritos a seguir.

### **Consultoria indireta na escola**

No ambiente educacional, o professor é o elemento que tem contato mais freqüente com as crianças. Ele está envolvido em avaliações comportamentais, cognitivas e sociais de seus alunos e estratégias de modificações desses fatores. Um trabalho com professores atinge grande número de sujeitos e pode, além disso, ser generalizado para novos alunos.

As queixas direcionadas aos diretores, psicólogos, orientadores parecem encadear-se e repetir-se ano a ano, sem distinção de série ou classe social. O manejo de sala, disciplina, interação, dificuldades e como lidar com essas variáveis têm sido a grande preocupação dos professores.

Cohen e Osterweil (1986) defendem a consultoria a nível individual ou grupal para professores, realçando seus resultados em seu trabalho com alunos e a sua expansão para seus colegas através da melhoria dos padrões de comunicação. Dentro do trabalho grupal seriam explorados além do ambiente educacional, que é o foco, o uso do modelo educativo a curto prazo, através de oficinas pedagógicas, seminários, cursos especiais.

Situando o psicólogo e seu trabalho de apoio aos elementos que lidam diretamente com as crianças, Patto (1984) afirma que o psicólogo deve intervir no ambiente imediato da criança - a escola, através de seus professores. O trabalho de orientação aos professores, subsidiando-os através do conhecimento sobre aprendizagens, técnicas criativas e outras, pode proporcionar mudanças significativas na sala que se refletirão no aprendizado da classe. Wechsler (1988) complementa com uma outra fonte a atuação do psicólogo junto aos professores, que seria a sondagem das necessidades que permitirão aos psicólogos e professores traçarem metas prioritárias, a curto prazo, para buscar soluções ligadas aos problemas de aprendizagem dos alunos. Consultorias, oficinas pedagógicas, palestras informativas, cursos e treinos na área de criatividade seriam algumas alternativas à disposição do psicólogo educacional.

### **Consultoria direta aos alunos**

Este tipo de consultoria tem uma grande preocupação em atingir o aproveitamento escolar; por isso, busca estratégias diversificadas para atingir diretamente o aluno, através de programas diferenciados, usando técnicas e métodos para implementar a sua aprendizagem de modo mais global.

Dessa maneira, parte do programa desenvolve-se com estratégias face-a-face com os alunos, ou melhor, com grupos de alunos. São utilizadas técnicas de dinâmica de grupo envolvendo aspectos negligenciados no aprendizado escolar - melhoria das relações interpessoais, criatividade, auto-imagem e auto-confiança, independência entre outros. O atendimento grupal é reforçado por Brow et. al. (1979). Estes afirmam que os estudantes podem atuar em conjunto para facilitar o desenvolvimento de outros estudantes. Congruente com esta posição estão os trabalhos de Damon (1977) e Vygotsky (1986), que defendem a tese da aprendizagem sócio-cognitiva, em que todos os envolvidos na tarefa apresentam ganhos cognitivos independentes dos níveis ou estágios de cada um.

A escola é veículo condutor para o trabalho com grupos de estudantes devido às disponibilidades de sala, onde pode-se atingir uma ou mais séries dentro do processo de consultoria. Programas direcionados a atender os alunos em grupos têm demonstrado sua eficácia (Tiba, 1985; Chipwevitch, 1988).

Tiba (1985) e Sperb (1979) sublinham a necessidade dos pais e principalmente da escola conhecerem a dinâmica interna dos adolescentes, e encontram-se direcionados apenas para dois fatores - rendimento acadêmico e comportamento em sala. A visão estagnada da evolução do aluno apenas por sua nota, sem considerar os aspectos mais globais do sujeito e de sua maneira de aprender, tem direcionado os professores e a escola como um todo em afastar os adolescentes de seu meio.

Sobre o desenvolvimento de projetos com alunos Kitchener e Hurst (1974) sublinham que poucas informações têm sido geradas a respeito da discussão acadêmica de grupos, embora algumas pesquisas demonstrem seus benefícios. O caráter de intervenção e de prevenção embutido nos programas com a maximização do potencial dos estudantes, e sua efetividade através da educação mediante a interação entre os estudantes, promove a acumu-

lação da experiência mais efetiva para a aprendizagem.

Brown e colaboradores (1979) descrevem os objetivos dos encontros entre o consultor e a classe: identificação dos problemas da classe, a compreensão da sua natureza com os princípios da psicologia da aprendizagem, acompanhar a classe para os objetivos conjuntos, e assistir aos alunos para avaliar os resultados dos seus esforços. Os encontros com o consultor permitem identificar comportamentos positivos e negativos que ocorrem tanto dentro como fora da sala de aula.

É de capital importância, postulam Cowen e Hightower (1989), que a escola catalise, mediante programas de saúde mental, os atributos e potenciais de seus alunos e os encaixem às oportunidades geradas dentro da experiência acadêmica. As demandas exigidas pela instituição delegam ao aluno:

1. controle sobre o crescente e complexo corpo de conhecimento - aprender;
2. fazê-lo de modo efetivo dentro de um conjunto de regras referentes aos comportamentos apropriados - adaptar.

A partir dessa visão integrada proposta pelo modelo da consultoria, dentro da perspectiva interacionista, o objetivo desta pesquisa foi investigar os efeitos da consultoria direta ao aluno, através da dinâmica de grupo e o uso de técnicas criativas e da consultoria indireta ao aluno através dos seus professores, com sessões de apoio ao currículo nas aulas de matemática e português.

Algumas questões devem ser levantadas quanto ao trabalho da consultoria na escola: o pouco conhecimento dos professores da área de psicologia sobre o modelo de consultoria e o apego destes à idéia de se fazer psicoterapia na escola ao invés de um trabalho mais preventivo. Sobre esses conhecimentos é que o psicólogo escolar poderá formar uma base teórica para delinear sua ação prática dentro da instituição escolar.

### Amostra

1. PROFESSORES: a amostra foi composta por seis professores, sendo três na área de português e três na área de matemática. Na escola I (consultoria indireta aos alunos) foram atendidos um professor de português e matemática, enquanto que na escola II (consultoria direta aos alunos) e na escola III (grupo de controle) os respectivos professores de português e matemática foram observados durante as aulas.

2. ALUNOS: foram selecionados pelos seguintes critérios: a. aceitação de seus professores das áreas de português e matemática em concordarem com o projeto do pesquisador; b. pertencerem a 5ª série do primeiro grau e c. constituírem em classe 90% de repetentes da mesma série. Os alunos estudavam no período diurno, sendo o número total de 110 alunos distribuídos em três turmas.

### Delimitação da intervenção

O procedimento de consultoria subdividiu a população/amostra em três grupos:

- ESCOLA I - somente foi realizada a *consultoria indireta* ou seja, aos dois professores de português e matemática, nos períodos de coordenação onde o pesquisador adotou o modelo de colaboração. O trabalho com a díade professor-consultor focalizou-se na implementação do currículo das respectivas áreas e orientação de como lidar com alunos repetentes. Foram utilizadas técnicas de criatividade para as atividades em salas como exercícios, fixação de conteúdo, apresentação do tema etc., além de orientação sobre processos cognitivos, comportamentais e de desenvolvimento de adolescentes ajustados à implementação da técnica e à necessidade do professor. Observações semanais foram feitas nas respectivas aulas (português e matemática). Esse grupo foi denominado grupo experimental I. Não houve nenhum tipo de consultoria ou aconselhamento a esses alunos.

- ESCOLA II - A *consultoria direta* com os alunos se dirigiu aos grupos de alunos da 5ª série, os quais estudavam no período vespertino. Os encontros, também semanais, duravam uma hora e meia, em uma sala de aula comum.

Os professores (um de português e um de matemática) pertencentes ao grupo experimental II não receberam nenhum tipo de orientação. Foram também realizadas as observações nas aulas de português e matemática.

- ESCOLA III - Nenhum tipo de consultoria foi realizada com os professores e alunos dessa escola. Esse grupo foi escolhido como grupo de controle, onde apenas ocorreram observações semanais nas aulas de português e matemática.

### Instrumentos

Os instrumentos descritos abaixo foram aplicados nos três grupos (experimental I, experimental II e controle):

#### 1. Escala de Comportamentos na Escola

Essa escala foi elaborada pelo pesquisador e validada na etapa piloto, constando de 74 itens na sua forma final, agrupados nos seguintes fatores: agressividade como forma de chamar a atenção, ansiedade em público, repressão da curiosidade sexual, inconformismo aos padrões sociais, medo de se expor em público, necessidade de orientação, auto-confiança, interação social, uso de drogas e uso de medicamentos, medo do fracasso, motivação acadêmica, uso de drogas por fatores emocionais, necessidade de atenção, medo de ser criticado.

A análise fatorial dos itens foi realizada com 972 sujeitos de ambos os sexos, com idades, variando de 10 a 17 anos, da 5ª à 8ª série do 1º grau.

Os resultados agruparam os 93 itens em 16 fatores, sendo identificados na tabela 2. Os engvalue mais significativos englobam os fatores de nº 1 até nº 9.

**Tabela 1** - A análise fatorial da escala de comportamentos na escola

FATOR	NOME	ITENS		ENGVALUE	VARIÂNCIA
		POSITIVOS	NEGATIVOS		
1	Agressividade como forma de chamar atenção	5, 10, 12, 25, 29, 48, 61, 67, 75, 77, 85		7,9	8,5
2	Ansiedade em público	4, 87, 89	91	4,8	5,1
3	Repressão da curiosidade sexual	3, 11, 20, 34, 35, 46, 50, 54, 58		3,6	3,9
4	Inconformismo aos padrões sociais	21, 36, 38	35, 37	2,6	2,8
5	Medo de se expor em público	73, 81, 87, 89	22	2,3	2,4
6	Necessidade de orientação	8, 51		2,0	2,1
7	Auto-confiança		16, 24, 31, 44, 52, 53, 63, 84	1,9	2,1
8	Interação social		23, 42, 43, 55, 69	1,8	1,9
9	Drogas	71, 78	74, 79, 82, 83	1,7	1,8
10	Uso de Medicamentos	45, 59, 84, 86, 91		1,6	1,7
11	Medo do fracasso		90, 92	1,5	1,7
12	Motivação acadêmica	1, 17, 32, 79, 82		1,5	1,6
13	Uso de drogas por fatores emocionais	45, 49, 59, 71		1,4	1,5
14	Necessidade de aceitação	2, 14, 17, 32, 33		1,3	1,4
15	Necessidade de atenção	60, 64, 67, 68, 77		1,3	1,4
16	Medo de ser criticado	39, 41, 63, 66		1,3	1,4

## 2. Catálogo de Observação em Sala

Foram empregadas três escalas para computar os comportamentos dos alunos e professores durante as aulas. O período de observação correspondeu à duração normal de uma aula (50 m). A lista para assinalar foi empregada nos três catálogos: categorias interativas do professor, categorias interativas dos alunos e clima da sala de aula. Um outro instrumento foi utilizado, levantando a metodologia do professor para abordar o tema/conteúdo da aula.

Exemplos de itens:

### a. categorias interativas do professor

- solicita participação
- fornece informação

### b. categorias interativas dos alunos

- participa oralmente
- solicita atividade

### c. clima de sala de aula

- *postura*

- . sentado
- . em pé
- . andando
- . outras

- *comportamento*

- . oral
- . acompanhando atividade
- . interrompendo fila
- . outros

## 3. Entrevistas com os professores

Foram realizadas entrevistas gravadas com todos os professores para levantar o seu perfil, no início da coleta de dados. Ao final da pesquisa, foram entrevistados novamente os professores, com o intuito de avaliar os procedimentos de consultoria (grupos experimentais I

e II). A entrevista com o grupo de controle objetivou o levantamento das necessidades e dificuldades do professor quanto à implementação do currículo da 5ª série e estratégias de aprendizagem para alunos repetentes.

Exemplos de itens:

1 - Quais as áreas que o psicólogo escolar deveria dar mais atenção?

2 - Quais as maiores dificuldades encontradas na sua matéria a nível pedagógico?

### Aplicação dos instrumentos

#### Pré-intervenção

A aplicação dos instrumentos foi similar em todos os três grupos envolvidos da pesquisa, em abril de 1990. O primeiro instrumento aplicado foi a "Escala de Comportamento na Escola", respondido pelos alunos, com duração média de 50 minutos.

Com relação aos professores, procedeu-se com entrevistas gravadas durante quarenta minutos.

### Treinamento experimental

#### Sessões de consultoria aos professores

Os professores pertencentes ao grupo experimental I, semanalmente, em suas respectivas coordenações - professores de matemática às terças e de português às quartas - receberam consultoria ao currículo.

Cada encontro de consultoria era planejado tendo em vista os seguintes objetivos:

a. proporcionar aos professores conhecimentos de técnicas variadas para motivar e promover a retenção, apreensão e transferência da aprendizagem:

b. estabelecer um modelo de consultoria nas bases de colaboração entre professor e pesquisador, discutindo-se as estratégias de aprendizagem mais adequadas ao nível de seus alunos, ao tempo e assuntos escolhidos pelo professor, dentro das possibilidades concretas para sua realização.

c. troca de idéias sobre tópicos e subtópicos do programa, assim como as técnicas mais

adequadas para abordar os assuntos e ao nível de complexidade dos alunos;

d. estimular a autonomia e a criatividade do professor para torná-lo independente do consultor, estabelecendo-se um suporte para o professor trabalhar suas dificuldades em relação à aprendizagem de alunos repetentes, além da flexibilidade, originalidade e de seu pensamento divergente e de seus alunos;

e. aumentar a participação dos alunos como um agente ativo e multiplicador da aprendizagem e também a motivação do professor em desenvolver os conteúdos propostos;

f. fomentar o emprego de técnicas criativas no planejamento semanal das aulas e no currículo global, demonstrando a sua aplicabilidade às diversas condições de aprendizagem.

### Sessões de consultoria aos alunos

Apenas os alunos do grupo experimental II participaram das 24 sessões de consultoria direta, realizadas através de técnicas de dinâmica de grupo conjuntamente com técnicas criativas, num período de uma hora e trinta minutos.

Algumas técnicas empregadas com esse grupo: brainstorming, técnica de resolução de problemas, viagem à fantasia, técnicas de relaxamento, dramatização, sociodrama, esclarecimentos de valores exercício da qualidade, assertividade, colagem.

### Pós-intervenção

Após quatro meses de consultoria, os alunos foram submetidos a nova testagem, sendo usados os mesmos instrumentos da pré-intervenção, bem como foram novamente entrevistados os professores.

Os resultados provenientes da análise de variância do pré-teste e pós-teste da Escala de Comportamento na Escola (tabela 2), das observações em sala (tabelas 3 e 4) e das entrevistas com os professores, permitem traçar o perfil dos três grupos descritos abaixo:

*Grupo I* (consultoria indireta aos alunos). O desenvolvimento das atividades foi junto aos

professores, no planejamento das aulas. Neste grupo ocorreu um aumento de comportamentos mediados por atividades orais, com maior participação dos alunos quando solicitados ou não. O fator 6 da escala (necessidade de orientação) apresentou diferenças significativas ( $p < 0,01$ ) em relação ao grupo II; pode ser em decorrência da maior flexibilidade quanto à estrutura das atividades apresentadas pelo professor. Essa diferença encontra-se interligada à necessidade de adaptação dos alunos frente às tarefas diversificadas, demonstrando então que as modificações curriculares devam ser feitas paulatinamente para atender o ritmo dos alunos.

A repressão da curiosidade sexual (fator 3) foi um aspecto reduzido nesses alunos, devido à postura dos professores frente a esses adolescentes, fazendo com que os últimos se sentissem mais soltos, independentes e confiantes em colocarem suas dúvidas ou questionamentos frente a sua curiosidade sexual. Outro

fator foi o da ansiedade em público (fator 2), com um ligeiro aumento. Esse dado pode ser interpretado em função da necessidade do aluno de acompanhar o ritmo das atividades propostas pelos professores, havendo uma correspondência entre a ansiedade, participação dos alunos e a estrutura diversificada das tarefas. Isto pode ser respaldado pelo alto nível de interação entre professores e alunos, sendo que o conteúdo foi o elemento mediador dessa relação, e os alunos tiveram um aumento na participação oral no decorrer das aulas.

Os professores destacaram a necessidade de na escola haver um elemento que os auxiliem frente ao planejamento curricular, técnicas e táticas para se trabalhar com alunos repetentes e não repetentes. E que a base desse trabalho fosse na linha de um modelo colaborativo, onde há uma troca de experiências e informações entre o professor e o consultor.

**Tabela 2** - Análise da variância com as diferenças do pré-teste e pós-teste nos grupos experimentais e controle (Itens significativos)

FATOR	GRUPOS	PRÉ-TESTE			PÓS-TESTE			DIFERENÇA		
		X	DP	F	X	DP	F	X	DP	F
02. Ansiedade em público	1	1,92	0,97	3,96	2,05	0,76	0,643	0,221	0,82	2,44*
	2	2,63	0,84		2,28	0,73		-0,387	1,08	
	3	2,21	0,93		2,21	0,85		0,042	0,76	
03. Repressão da curiosidade sexual	1	2,35	0,96	5,25	2,79	1,18	1,82	0,552	1,10	0,375***
	2	3,05	0,89		3,08	0,96		0,077	1,00	
	3	2,21	0,75		3,44	1,00		1,148	0,37	
05. Medo de se expor em público	1	2,38	0,95	3,68	2,49	0,85		0,278	1,08	2,69*
	2	2,96	0,72		2,57	0,57	1,03	-0,367	0,88	
	3	2,98	0,74		2,79	0,77		0,017	0,93	
06. Necessidade de orientação	1	2,87	0,80	0,783	3,62	1,04	6,86	0,889	1,14	0,578***
	2	3,00	0,93		2,65	0,99		-0,378	1,44	
	3	2,69	0,73		3,05	0,97		0,250	1,26	
09. Drogas	1	2,67	0,39	2,65	2,81	0,36	2,46	0,108	0,62	2,49*
	2	2,47	0,41		2,56	0,51		0,135	0,69	
	3	2,79	0,70		2,40	0,70		-0,272	0,63	

GRUPOS: 1 Consultoria indireta

2 Consultoria direta

3 Controle

\* $p < 0,10$  \*\* $p < 0,05$  \*\*\* $p < 0,01$



*Grupo II* (consultoria direta aos alunos). Observou-se neste grupo um crescimento no nível de concentração que pode ser explicado por dois fatores: a. independência em relação às atividades: b. maior nível de interação e, especialmente, a participação dos alunos.

Os resultados da Escala de Comportamento na Escola apontaram sensíveis diferenças, em decorrência das dinâmicas de grupo com os alunos, nos fatores com redução: da ansiedade em público (fator 2), medo de se expor em público (fator 5) e curiosidade frente as drogas (fator 9) com um  $p > 0,10$ ; e regressão da curiosidade sexual (fator 3) e necessidade de orientação (fator A), ambos com um  $p < 0,01$ . Esses temas foram explorados pelo pesquisador com diferentes enfoques durante os encontros com os alunos.

A intersecção entre os dados acima, mais os da observação em sala, possibilitou avaliar o efeito da consultoria direta em relação aos fa-

tores psicológicos que influenciaram o rendimento acadêmico. Os professores relataram que estes alunos se tornaram mais participativos, motivados e independentes nas realizações das tarefas. Esses alunos apresentaram uma maior freqüência na participação oral, apesar de serem menos solicitados por seus professores em comparação com o grupo I (consultoria indireta aos alunos).

Os alunos tomavam a iniciativa da interação em sala e se concentravam nos assuntos propostos (vide tabela 3), enquanto que os alunos do grupo I direcionavam sua atenção aos seus professores, que mediavam a relação interpessoal.

Ao conectarmos à melhora na interação em sala elementos como auto-confiança, motivação e participação frente aos aspectos cognitivos, observa-se uma pequena diferença, quando comparado ao grupo III (controle).

**Tabela 3** - Comparação das categorias mais freqüentes dos professores por disciplinas

DISCIPLINA	GRUPOS	CATEGORIAS	TOTAL	%
MATEMÁTICA	Consultoria indireta aos alunos GRUPO I	solicita participação	331	16,55
		fornece informação	136	6,80
		repreende objetivamente	124	6,20
		monitora próximo	121	6,05
		feedback verbal	98	4,90
	Consultoria direta aos alunos GRUPO II	solicita participação	168	8,40
		responde objetivamente	137	6,85
		fornece informação	107	5,35
		repreende objetivamente	104	5,02
Controle GRUPO III	checa atividade	72	3,60	
	solicita participação	228	11,40	
	fornece informação	90	4,50	
	organiza a atividade	83	4,15	
PORTUGUÊS	Consultoria indireta aos alunos GRUPO I	repreende objetivamente	73	3,65
		checa atividade	60	3,00
		solicita participação	191	9,55
		fornece informação	124	6,20
		organiza a atividade	122	6,10
	Consultoria direta aos alunos GRUPO II	repreende objetivamente	111	5,55
		checa atividade	90	4,50
		solicita participação	289	14,45
		responde objetivamente	174	8,70
		fornece informação	127	6,35
	Controle GRUPO III	monitora próximo	101	5,05
		feedback verbal	73	3,65
solicita participação		214	10,70	
fornece informação		100	8,33	
GRUPO III	repreende objetivamente	69	3,45	
	checa atividade	63	3,05	
	organiza a atividade	60	3,00	

**Tabela 4 - Comparação das categorias interativa dos alunos por disciplina**

DISCIPLINA	GRUPOS	CATEGORIAS	TOTAL	%
MATEMÁTICA	Consultoria Indireta aos alunos GRUPO I	participa oralmente	334	16,70
		solicita atividade	154	7,70
		refere-se à lição	135	6,75
		solicita professor	108	5,45
		conversa professor	45	2,25
	Consultoria Direta aos alunos GRUPO II	participa oralmente	243	12,15
		refere-se à lição	196	9,85
		solicita atividade	112	5,60
		solicita professor	59	2,95
Controle GRUPO III	responde a solicitação	52	2,70	
	participa oralmente	185	9,25	
	participa atividade	98	3,40	
	solicita professor	52	2,65	
PORTUGUÊS	Consultoria Indireta aos alunos GRUPO I	refere-se à lição	45	2,65
		conversa com professor	35	1,75
		participa oralmente	173	8,65
		solicita atividade	89	4,45
		solicita professor	89	4,45
	Consultoria Direta aos alunos GRUPO II	refere-se à lição	88	4,40
		conversa com professor	51	2,55
		participa oralmente	308	15,40
		refere-se à lição	89	2,95
	Controle GRUPO III	responde a solicitação	89	2,95
		solicita atividade	88	2,10
		participa atividade	51	1,20
participa oralmente		234	11,70	
GRUPO III	solicita professor	98	4,90	
	refere-se à lição	73	3,65	
	participa atividade	50	2,50	
	responde à solicitação	46	2,30	

Grupo III (controle). Este não recebeu nenhum tipo de consultoria (direta ou indireta), sendo um grupo de comparação entre os outros dois. A nível de comportamentos interativos, em geral sua frequência foi inferior aos outros dois grupos. Além disso, seu aproveitamento acadêmico, no geral, foi o esperado, aquém dos dois grupos.

### Discussão

A consultoria na escola mostrou-se uma abordagem eficaz para lidar com os problemas acadêmicos. Os resultados encontrados ressaltam o caráter preventivo, direcionado à compreensão e intervenção das dificuldades que se apresentam ao nível de aprendizagem e paralelamente às disfunções psicológicas que resultam da repetência e evasão subsequentes.

O objetivo principal foi a redução do fracasso escolar e seus aspectos negativos - auto-imagem distorcida, pouca assertividade, dependência, pouca iniciativa, infreqüência, sensação permanente de fracasso e incompetência, dentre outros. Evitar a reincidência, como definido por Lascoumes (1977) é um dos objetivos principais da prevenção a nível terciário, evitando que os alunos fiquem "ancorados" na sua problemática - especialmente na retenção.

Cowen (1984) ressalta que, independentemente do nível de prevenção - primário, secundário ou terciário, é a flexibilidade do programa de intervenção na escola é o elemento chave de toda intervenção, adequado a metodologia para grupos heterogêneos ou mais homogêneos, levando em consideração os padrões idiossincráticos da população. A contra-pro-

posta subjacente aos programas de consultoria envolve maior número de indivíduos, e amplia seu foco para atingir os diferentes níveis da população e as necessidades da escola. Por essas características peculiares da comunidade escolar onde está inserido, o psicólogo deve dirigir seus esforços para atuar de modo preventivo e de forma a tornar-se um agente mediador, abandonando assim a postura clínica e remediativa dentro do sistema escolar.

Andaló (1984) defende a atuação do psicólogo dentro da escola dentro do modelo de consultoria em saúde mental, dando ênfase à prevenção. Almeida (1988) complementa esse pensamento, afirmando que uma das principais metas do psicólogo escolar seria o resgate e a recuperação dos elementos diretamente relacionados à aprendizagem - o professor e o aluno. Tais colocações são reiteradas por Patto (1984) e Wechsler (1988), que enfatizam trabalhos conjuntos com os professores através da modificação dos currículos escolares e também dinâmicas de grupos com estratégias eficazes.

A consultoria indireta através do subsídio curricular com os professores possibilitou uma melhora no aproveitamento acadêmico nas áreas de matemática e português, levando a um índice satisfatório de alunos aprovados.

As experiências curriculares resultantes do processo de consultoria refletiram-se no planejamento das atividades diárias, nos métodos empregados e na diversificação dos conteúdos a serem trabalhados. Características como fluência - capacidade de gerar o maior número de idéias - e flexibilidade, capacidade ou disposição de produzir idéias variadas, foram observadas no planejamento e isso estimulava as mesmas características nos alunos. O enriquecimento curricular deu-se mediante uso de técnicas e materiais diferentes de ensino, ou mesmo recursos que permitiam o aluno desenvolver estratégias próprias de aprendizagem, utilizando seu aparato sensorial em benefício da compreensão, apreensão e transferência da aprendizagem. O enfoque curricular dos professores voltou-se às experiências concretas que indu-

ziam maior participação dos alunos em sala. A metodologia combinada com um planejamento adequado propiciou melhora no rendimento escolar. Essas conclusões vão ao encontro dos estudos de Guerreiro (1989) sobre a adaptação do currículo às estratégias cognitivas dos alunos, e os de Wechsler (1993), que identificou os estilos preferenciais dos adolescentes de Brasília e no qual se destacaram o aprender construindo objetos e a motivação como elementos propulsores da aprendizagem.

No que diz respeito ao uso de estratégias diversificadas, Ott (1975) e Sperb (1979) destacaram que o domínio das mesmas pelo professor é fator imprescindível, que o possibilita adequá-la ao nível de aprendizagem de sua turma. O mais importante é a interação estimulada por estas estratégias e como elas afetam a aprendizagem dos alunos.

O rendimento acadêmico dos alunos que participaram da consultoria direta apresentou uma melhora, quando comparado ao do grupo de controle. Ao se analisar os efeitos produzidos pela consultoria indireta vs. direta, vamos verificar que os alunos do primeiro tipo de consultoria foram os que apresentaram melhores resultados durante o desenvolvimento da pesquisa. Deve-se ressaltar que a intervenção dirigida apenas às variáveis psicológicas não pode suprir deficiências a nível de conteúdo e até da parte cognitiva dos alunos bi e tri-repetentes. Esse tipo de trabalho atinge apenas uma das variáveis que interferem no aproveitamento escolar. Na realidade deve-se atender conjuntamente professores e alunos, a fim de se promover ganhos emocionais e cognitivos de maneira paralela. Nesse modelo de consultoria direta ao aluno, além dessas observações, vê-se a necessidade do trabalho paralelo com os professores, para que ocorram mudanças significativas ao nível de aprendizagem formal dos alunos. Esses resultados nos conduzem à assertiva de que, ao se delinear um programa de consultoria na escola, especialmente com alunos que tenham sucessivos fracassos deve-

se, combinar o acompanhamento aos seus professores ao do trabalho direto com eles.

Os alunos do Grupo II - consultoria direta apresentaram um nível maior de independência em relação às atividades, redução do nível de ansiedade frente às tarefas, menor curiosidade sexual e também em relação às drogas. Estes assuntos foram abordados nas sessões de dinâmica de grupo através de sociodrama, técnicas de resolução de problemas, jogos criativos etc. As melhoras provenientes dos encontros semanais não foram suficientes para atingir e suprir as dificuldades de aprendizagem desses alunos, já que necessitariam de atividades que os permitissem rever e reaprender esses conteúdos.

Quanto à aprovação final, o grupo da consultoria direta conseguiu um melhor índice de aproveitamento, quando comparado aos seus resultados bimestrais, frente ao controle. Nem todos os alunos deste grupo podiam ir à escola no período contrário ao da aula.

Este estudo destaca que os fatores cognitivos e emocionais relacionados à repetência podem ser reduzidos através dos modelos de consultoria direta e indireta. Professores e alunos necessitam de apoio e orientações não só restritos ao currículo acadêmico, estratégias motivadoras e de criatividade, como também nas questões ligadas às características desenvolvimentais dos adolescentes e suas influências sobre o processo cognitivo.

Como salientando por Caplan (Brown et al; 1987), a consultoria torna-se um modelo viável quando se trabalha com grandes populações, em função de sua aptitude de ação e efeitos multiplicadores, que foram identificados nos professores e alunos desse estudo. Dentro da esfera educacional, o modelo de colaboração se viabiliza porque, junto com o professor, o consultor pode trocar idéias e experiências dentro de um plano colaborativo, em virtude do professor ser o elemento conhecedor de estratégias de ensino que realmente possam auxiliar os alunos na sua sala de aula.

A flexibilidade do programa de consultoria permite buscar soluções que se apliquem à sua realidade escolar, usando recursos do próprio ambiente para proporcionar o crescimento e avaliação do aproveitamento acadêmico. Assim sendo, podemos afirmar que a consultoria é uma das formas mais eficazes de se trabalhar preventivamente na escola.

### Limitações da pesquisa

As dificuldades e limitações no decorrer deste estudo podem gerar novos elementos a serem revistos em pesquisas posteriores, contribuindo para uma visão mais sistêmica do efeito do tipo de consultoria no contexto educacional.

O atendimento conjunto aos professores e seus alunos certamente propiciará condições eficazes para romper círculos viciosos provocados pela desmotivação e baixo rendimento acadêmico. Outro ponto seria atender a grupo de professores nos períodos destinados à coordenação - todos os professores da mesma matéria, que compõem a grade curricular da 5ª série, como de outras séries identificadas como tendo um grande índice de reprovação ou com problemas a nível de comportamento. Sugere-se ainda um acompanhamento das turmas e dos respectivos professores do início até o fim do ano letivo. E fazê-lo também em séries posteriores, para verificar o desempenho dos alunos e professores que participaram do programa.

A nível de consultoria direta aos alunos, seria conveniente que todos os alunos ou grande parte pudessem comparecer aos encontros, e não ficar reduzida a um pequeno número, como aconteceu nesta investigação. Isso porque nem todos os alunos podiam comparecer, no período contrário da sua aula, abrindo-se um espaço na grade curricular para um acompanhamento mais sistemático desses alunos.

A variável sexo do professor deveria ser investigada com o intuito de observar a influência de seu papel frente à disciplina e estratégias de ensino. Dentro do aspecto da avaliação, não restringir apenas às provas formais, buscar ou-

tros recursos que poderiam ser usados, como forma de avaliação.

Dentro do aspecto clima da sala de aula, identificar os períodos de maior ou menor concentração, e programar o desenvolvimento das aulas de acordo com as necessidades de movimentação, concentração e retroalimentação dos alunos, em consonância com o tema a ser apresentado na aula.

Em resumo, a psicologia escolar tem um longo caminho e deve buscar o seu espaço na instituição escolar. Apesar de ter uma extensa área no campo do ensino, ela tem se limitado a assumir um papel de controladora de comportamento, de aplicadora de testes e a uma participação limitada à "psicologia de gabinete". Por causa destes fatores, o psicólogo não assume o seu papel de agente de mudança, de trabalho em conjunto com a comunidade escolar dentro da perspectiva contextual - professor, aluno, servidores e pais. Não se deve esquecer que na escola a prioridade é o ensino, e como ciência deve lançar mão de recursos diversificados, teorias psicológicas e educacionais que provoquem e possam estruturar mudanças significativas quanto ao processo de ensino.

## Referências

- ALMEIDA, N.V. (1988) O psicólogo na instituição escolar - relato de uma experiência, *Revista de Psicologia* 6(1): 111-112.
- ANDALÓ, C.S.A. (1984) O papel do psicólogo escolar, *Psicologia Ciência e Profissão*, 4(1): 43-46.
- BRANDÃO, Z., BAETA, A.M.B. e ROCHA, A.D.C. (1983) O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau Brasil (1971-1981). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 64 (147): 38-69.
- BROWN, D., PRYWASKY, W.B. e SCHULT, A.C. (1987) *Consultation: Introduction to Theory en Practices*, Allyn and Bacon, Boston.
- CARRAHER, T.N., CARRAHER, D.W. & SCHIELMANN, A.D. (1986). Cultura, escola, ideologia e cognição: continuando em debate, *Caderno de Pesquisa*, (57): 78-85.
- CARRAHER, T.N. (1988) *Na vida 10 na Escola Zero*. Cortez, São Paulo.
- CARVALHO, M.F. (1984) Da marginalização ao fracasso escolar: estudo de uma classe da 1ª série do 1º grau. *Psicologia* 10(1): 27-42.
- CHIPVITCH, E. (1987) O Adolescente e a escola. *Psicologia do Comportamento*.
- COHEN, E e OSTERRWEIL, Z. (1986) An "issue-focused" model for mental health consultation with groups of teachers, *Journal of School Psychology* 24: 243-256.
- COWEN, E.L. (1984) A general structural model of primary prevention program development in mental health, *The Personal Guidance Journal*.
- COWEN, E.L. & HIGHTOWER, A.D. (1989) The primary mental health project: alternatives approaches in school based on preventive intervention, IN GUTKIN, T.B. e REYNOLDS, C.R. (eds) *The Handbook of School Psychology*. Wiley, New York.
- DAMON, W. (1979) Why study social-cognitive development. *Human Development*, 22:206-211.
- EIRIZIK, M.F. (1986) Uma experiência de Consultoria em uma Organização Escolar. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* 38: (2): 178-185.

- GUERREIRO, M.C.R.F. (1989) *Adaptação do Currículo Escolar ao Estilo Cognitivo dos Alunos Repetentes: Implicações Teóricas e Práticas no Treinamento de Professores*. Coleção Albano Franco, SENAI, Rio de Janeiro.
- KITCHENER, K.G. & HURST, J. (1974) Faculty consultation: an emerging role of the counseling psychologist, 21(2):127-130.
- LASCOURMES, P. (1977) *Prévention et Contrôle Social, Les contradictions du travail social*. Masson, Paris.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1987) *Sujeito e Cotidiano, um estudo da dimensão Psicológica do Social*. Ed. Campos, Rio de Janeiro.
- NIDELCOFF, M.T. (1989) *Uma Escola Para o Povo*. 29ª Ed., Brasiliense, São Paulo.
- OTT, M.B. (1975) *Influência das Estratégias de Ensino no Desenvolvimento da Criatividade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PATTO, M.H.S. (1984) *Psicologia e Ideologia, uma introdução crítica à psicologia escolar*, T.A. Queiroz, São Paulo.
- ROSENFELD, S.A. (1987) *Instructional Consultation*. Lawrence Erlbaum, Hillsdale.
- SPERB, D.C. (1979) *Problemas Gerais de Currículo*. 5ª ed., Globo, Porto Alegre.
- TIBA, J. (1985) *Puberdade e Adolescência*. Ágora, São Paulo.
- VYGOTSKY, L.S. (1986) *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes, São Paulo.
- WECHSLER, S. (1988) O Papel do Psicólogo na Prevenção da Evasão Escolar. *Anais da 18ª Reunião Anual de Sociedade de Psicologia*, Ribeirão Preto.
- \_\_\_\_\_. (1973) Learning Styles and Leisure Activities of Brazilian creative adolescents, IN DUNN R., MILGRAN, R. & PRICE, G. *International Perspective and Learning Styles*. Praeger, New York.